

**DARKVISION**

APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

# DARK

A ÚLTIMA VEZ

ROBERTO DENSER



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





**DARKVISION**  
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

**ROBERTO DENSER**

# A ÚLTIMA VEZ

## ROBERTO DENSER

Quando terminamos de empilhar os corpos, paramos diante do monte de carcaças e, em silêncio, admiramos o resultado de nosso trabalho. Ali havia parentes, amigos, conhecidos e desconhecidos numa quantidade que ninguém se atreveria a contar.

“O que faremos agora?”, perguntou Débora, a voz abafada dentro da máscara de gás, os cabelos esvoaçando por causa da força do vento.

Eu olhei para Tiago, meu irmão, ao lado dela. Ele havia tirado a sua máscara de gás e olhava para aquela montanha de corpos com os olhos vermelhos e uma expressão sombria. Atrás deles, o mar, violento como um deus antigo, ameaçava destruir o mundo. Tive vontade de chorar.

A única coisa que nos trazia alívio era olhar para os lados e não enxergar nenhum perigo imediato. Naqueles dias, era difícil. A própria natureza havia se tornado uma ameaça constante, com as zonas mortas, as doenças sem nome, os animais se comportando de maneira agressiva, todo aquele rol de porcarias.

O fato é que a morte, onipresente, grassava absoluta em todas as direções.

Nós, é claro, havíamos nos acostumados com isso. Éramos a segunda geração, a geração para a qual matar e morrer fazia parte do cotidiano. Nenhuma manhã era garantia de que haveria uma próxima. Era assim para nós, os mais jovens. Para os mais velhos as coisas estavam um pouco... desconstruídas, e todo adulto com mais de 40 anos parecia um pouco maluco.

Aquela era uma noite especial. Ainda comemorávamos o Natal naquela época, mesmo que já não fizesse muito sentido. Óbvio que a persistência disso era uma tentativa dos mais velhos de fazer com que as coisas parecessem um pouco como eram antes, no tempo deles, quando ainda havia papais noéis e shopping centers, perus e motivos.

Já não havia mais nada disso. O que tínhamos, pelo menos até ali, era apenas uns coroaos malucos querendo alimentar suas ilusões sem sentido, como a celebração do nascimento de um deus no qual ninguém mais acreditava. Um deus sobre o qual a única coisa que sabíamos é que havia dado sua carne e seu sangue para que seus discípulos se alimentassem, e que mesmo assim foi traído por eles. Isso sim fazia sentido pra gente.

E talvez apenas por causa disso a celebração resistiu até nós, afinal esse é o destino das coisas em geral: existir enquanto faz sentido. Depois que deixam de significar algo, o que sobra segue em frente até encontrar o seu próprio ocaso. Qualquer um que olhasse para aquela pilha de corpos entenderia isso. Com ela, encerrávamos um ciclo, celebrávamos o nosso último Natal.

“O que faremos agora?”, Débora voltou a perguntar, agora gritando.

Tiago colocou uma das mãos sobre o ombro dela, talvez pretendendo com isso acalmá-la, como sempre fazia. Mas era para mim que ele olhava quando falou.

“Como você está?”

Eu não sabia como eu estava, mas preferi mentir.

“Ótima.”

“Temos bastante gasolina”, ele disse, agora olhando para Débora.  
“Podemos cremá-los.”

Débora olhou para mim, como se quisesse entender qual era minha opinião. Eu não lembrava de quando foi a última vez que vi alguma tranquilidade em seus olhos. Ela, que só tirava a máscara para comer, parecia estar adoecendo de medo, como se o medo fosse uma doença muito pior que as outras.

“Fazer uma fogueira desse tamanho não é uma boa ideia”, disse ela, olhando para o meu irmão e de novo para mim. “O que você acha, Tay?”

Eu não fazia ideia do que eu achava.

“Só vamos acabar logo com isso”, falei. “Estou exausta. Estamos arrastando essas coisas desde que acordamos. Meu corpo inteiro dói, parece que levei uma surra.”

“São pessoas, Tay”, disse ela, pasma. “Nossos pais estão aí.”

“É apenas carne podre, Déb, nem pra comer serve.” Olhei para meu irmão, ignorando os olhos arregalados de Débora, e acrescentei: “A gente queima eles e pronto, né, Ti? Queima e acabou. Não tem mais ninguém”.

Tiago respirou fundo. Parecia tão cansado que um mero tapinha o derrubaria.

“Vamos embora”, disse. “Não vale a pena.”

Quando chegamos em nossa casa momentânea, tirei a máscara e observei num espelho embaçado as marcas em meu rosto. Eu já havia sido bonita um dia. Na sala, Débora se deitou no sofá mofado, e ouvi meu irmão perguntar por que ela não tirava a máscara para dormir.

“Não quero”, foi a resposta dela.

Pouco depois meu irmão surgiu atrás de mim.

“Você está bem mesmo?”

Aquela era uma pergunta impossível. Eu não sabia o que significava estar bem.

“Sim”, respondi. “Estou ótima. Não é comigo que você deve se preocupar, mas com sua namorada.”

Ele ignorou meu último comentário.

“Tinha que ser assim, Tay.”

“Eu sei.”

“Amanhã vamos embora. Recomeçar.”

Eu não respondi. Ele ficou um tempo parado, me encarando através do espelho.

“Vou me deitar. Não lembro de já ter me sentido tão cansado. Feliz natal, maninha.”

Ele saiu massageando o pescoço e sem esperar resposta.

“Feliz natal, Ti”, murmurei pro espelho, e comecei a chorar.

Esse conto faz parte do universo de *Colapso*, primeiro romance escrito em papel pelo autor Roberto Denser, a ser publicado em 2023.

**ROBERTO DENSER** é um escritor paraibano radicado no Rio de Janeiro. Já trabalhou como açougueiro, vendedor ambulante de sandálias magnéticas, professor substituto e livreiro. Atualmente é escritor, consultor literário, professor de escrita criativa e roteirista. Autor dos livros *A orquestra dos corações solitários* e *Para Elisa*, também publicou numerosos contos em revistas e antologias. Mais informações em [robertodenser.com](http://robertodenser.com).





UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)